

VILÉM FLUSSER

A revolução industrial, essa onda nova que avança contra as praias do futuro, e sobre cuja crâsta espumante cavalgamos precariamente há duzentos anos, ameaça quebrar-se. O ressoar dessa resaca, outrora tomado como rufar dos tambores que batem o ritmo do progresso, é agora vivenciado como anunciando o último juízo. O fenômeno domina a nossa cena. A revolução industrial, na sua fase atual, representa um problema central para todo esforço de pensamento e ação, em suma para toda tentativa de preservar aquela forma de ser chamada "existência humana". Procuramos compreender o fenômeno, governá-lo, e adaptá-lo a ele. Procuramos analisar suas causas, diagnosticar os seus efeitos atuais, e prognosticar os seus efeitos futuros. Em outras palavras: procuramos ambientar-nos nas modificações violentas que a revolução operou nas coisas ao nosso redor e na nossa relação com elas.

Uma das modificações mais fundamentais é a crescente fusão e confusão entre natureza e cultura. Antes da revolução industrial a distinção era relativamente fácil. A natureza era o conjunto das coisas que nos ameaçavam. A cultura o conjunto das coisas que nos abrigavam. A vida dos nossos antepassados tinha dois polos: o polo diurno e o polo noturno. De dia avançava o homem contra a natureza, para domá-la. De noite recolhia-se para a cultura com as suas conquistas arrancadas à natureza. Estes eram os dois climas da existência humana: lutava e morava. Os climas eram complementares. podia lutar, porque tinha onde morar, e podia morar, porque tinha campo de luta.

A revolução industrial modificou tudo isto. Introduziu no mundo um novo tipo de entes: máquinas e aparelhos. São entes que simulam o homem. Na primeira fase da revolução simulam os músculos, na segunda os nervos, na terceira e a qual os pensamentos humanos. Como cópia é essa simulação imperfeita, mas como eficiência supera de muita as capacidades meramente humanas. Este novo tipo de entes cerca a humanidade de maneira dinâmica: forma um círculo móvel o qual arrasta a humanidade consigo. Neste movimento arraça progressivamente o campo da natureza, e povoa o campo da cultura com sua prole numerosa e incrivelmente fértil. Máquinas e maquininhas, aparelhos e aparelhões brotam, qual cogumelos, ao nosso redor, e o cogumelo mestre eleva-se no horizonte. Graças à esta modificação deixaram as coisas da ^{natureza} cultura a ameaçar-nos, e deixaram as coisas de cultura a acolher-nos. São agora as máquinas e os aparelhos que nos ameaçam e nos acolhem. São, a um tempo, a nossa natureza e a nossa cultura. Se ainda lutamos, lutamos cercados de máquinas e como elos de aparelhos. E se ainda moramos, moramos dentro de máquinas e cercados de aparelhos. Mas máquinas para morar serão ainda moradas?

A morada autêntica é um lugar noturno. Um lugar misterioso, morno, materno. Originalmente é a caverna, o ventre da montanha. Na morada demora o mito da mãe, iluminado pela luz chamejante e sacra dos lares. O claro-escuro do segredo que abriga e segrega: eis a morada. As nossas caixas brancas e abertas, inteiramente explícitas e comunicativas, as nossas máquinas para morar, não são moradas. Simulam moradas. Mentem, e são desmentidas pelas suas janelas. Não segregam, apartam. Não escondem segredos, revelam repartições e

VILÉM FLUSSER
e compartimentos. Não isolam, participam. Não ensimesmam, empenham. Não são focos de solidão na comunhão íntima, mas são lugares geométricos de solidões públicas, embora repartidas. Não moramos.

Não morar é intolerável. Não poder recolher-se junto às suas fontes não é tolerável. É preciso fazer algo. Esta convicção propõe a obra de Felícia Leirner. Criar lugares segredos, esconderijos, refúgios, moradas autênticas, é a sua meta. Opôr-se à tendência progressiva rumo à caixa branca. Recriar e invocar a caixa preta, (inclusive no significado cibernético desse termo). Em suma: criar espaços sagrados. Para compreender essa obra, é preciso considerar levemente o termo "espaço" neste contexto.

Felícia Leirner é uma escultora. Esculpir é manipular espaço. É fazer com que um espaço surja à flôr da pele de uma coisa. É fazer com que esse espaço cubra, qual pelica, a coisa, que recorte a coisa e a faça aparecer como coisa, e não como nada. A escultura é uma coisa posta para cá, isto é posta no seu espaço. Para o escultor é pois o espaço a pele reveladora da coisa. Felícia Leirner inverte o conceito. Não esculpe, excava. Não é o espaço seco o público da epiderme que procura, é o espaço obscuro e íntimo das entranhas. Não o espaço que revela, mas o espaço que vela. Não faz sair a coisa para dentro do espaço a fim de mostrá-la, mas abre o espaço dentro da coisa para que nele entremos e nos escondamos. Pois este espaço íntimo, esse espaço segredo e sagrado, tem um nome clássico: "temenos" é esse nome. E temenos são os espaços que Felícia Leirner cria.

"Temenos" é um espaço excavado da profanidade e consagrado aos deuses. É a caverna invisível que cerca a morada dos deuses na Grécia antiga. O seu sinónimo romano é "templum". É para esse espaço recortado que o homem se retira para re-encontrar-se a si mesmo na proximidade das suas fontes. porque no temenos estão ancoradas as raízes da sua vida, do seu destino e de sua sorte. E no centro do temenos arde o fogo de Hestia, (Vesta), a eterna chama da cultura. A morada, a casa particular, para a qual o homem se retira durante a noite, está ligada a este fogo central pela lareira. A lareira faz com que a casa seja lar, isto é lugar recortado e consagrado. A lareira faz com que a casa seja um lugar de cultura: morada. Felícia Leirner excava lugares de cultura.

Contemplem esses lugares. São lares. São "habitáculos", como diz José Geraldo Vieira. É possível perder-se neles, e justamente por isto é possível encontrar-se neles. Mas são "habitáculos", isto é diminutivos. São modelos em miniatura de lares. Mais que moradas, são refúgios, mais que casas são celas. É preciso curvar-se para entrar, e é preciso rastejar nelas. por que este encolhimento? É possível que se trate apenas de um estágio no projeto de Felícia Leirner. É possível que ela imagina cidades inteiras compostas destes espaços, uma sociedade inteira nova que, finalmente, mora. Mas a razão profunda desse minúsculo não me parece ser esta. pelo contrário, a razão parece ser a consciência surda que atualmente é preciso encolher-se para recolher-se. Há uma tendência monástica nessas obras, uma tendência para a cela, que caracteriza, a

VILÉM FLUSSER

meu ver, todo um aspecto da atualidade. É a nossa resposta ao gigantismo das máquinas e dos aparelhos. Cultura, parecemos dizer, para ser autêntica deve ser pequena. A nossa circunstância perdeu dimensões humanas. Forças, velocidades e distâncias superhumanas medem o nosso mundo. A reação é a busca da dimensão levemente infra humana. Confrontados com o foguete, retirámo nos para um habitáculo de Felícia Leirner. A nossa morada, atualmente, deve ser a cela, para que se transforme, passada a onda da revolução industrial, em célula mater de uma nova cultura.

Muitos são os indícios de uma nova Idade Média que se aproxima. Mas raras vezes senti o sopro dessa nova Idade mais fortemente que quando entrei para uma das celas de Felícia Leirner. Talvez também porque o último "estilo" autêntico, (no sentido de "forma de vida"), que nos foi legado pelos antepassados seja o gótico, o medieval portanto. Há, talvez por esta razão, um elemento gótico na obra de Felícia Leirner, isto é um elemento de um autêntico estilo. Posso imaginar, no interior dessas celas, um laboratório alquimista, um monje com seus palimpsestos, ou um escolástico ensinando lógica simbólica, (perdão, silogismos). Mas é óbvio que o gótico de Felícia Leirner, (se o é), não é o gótico de Chartres, mas o gótico de Gaudí em Barcelona.

Não quero exagerar o paralelo. Um crítico talvez descobrirá na obra de Felícia Leirner uma influência africana, tão palpável no ambiente brasileiro. Com efeito os habitáculos lembram Timbuctú, não apenas Barcelona. Mas isto é como deve ser, se tenho alguma razão com os argumentos apresentados. Se a obra de Felícia Leirner é uma busca das fontes interiores, dos espaços sagrados e íntimos da cultura, é ela uma volta, (conciente ou não), para as origens da nossa cultura. No caso, da cultura brasileira.

Este é pois, a meu ver, o significado dessa obra no nosso contexto: descobrir espaços interiores nos quais possamos nos esconder dos efeitos da revolução industrial, para neles conservar os nossos valores e fazer com que brotem de novo superada a tempestade. A obra de Felícia Leirner é a nossa forma de morada: abrigo. Neste sentido planta Felícia Leirner sementes de uma nova cultura.